

AUTISMO E INSERÇÃO ESCOLAR DO ALUNO: TRABALHANDO SUA AUTONOMIA

KUCHNIER, Jociane - RU 2146844¹

PALOMA, Michely Isber Ruiz²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar análise sobre alguns comportamentos e características que evidenciam a criança autista. Conhecer os comportamentos é de suma importância para planejar as estratégias e planejamentos didáticos. Apontando conceitos e indicadores do autismo no cotidiano da criança, o professor consegue desenvolver um trabalho eficaz para desenvolver as habilidades do aluno autista. Observando o desenvolvimento da aprendizagem da criança e indicando maneiras pelas quais se pode ajudar o aluno autista. Assim, este trabalho é uma pesquisa bibliográfica onde se buscou em diversos autores o embasamento necessário para a temática escolhida. Os resultados mostraram que o aluno possui suas limitações seja cognitiva, sociais, físicas, mas que com um trabalho efetivo é possível desenvolver suas habilidades e proporcionar mais autonomia visando sua qualidade de vida. A educação inclusiva muito tem almejado em fazer um processo transformador na vida dos alunos, isso somente será possível com muito estudo e planejamentos com didáticas metodológicas concretas e direcionadas de forma prazerosa.

Palavras-chaves: Autismo. Didática. Autonomia. Docente.

1 INTRODUÇÃO

As dificuldades apresentadas pela criança com autismo podem ser na socialização, comunicação, sensoriais, cognitivas entre outros aspectos que variam pelo grau avaliado pelos profissionais capacitados que formam as equipes multidisciplinares que trabalham com o aluno na instituição educacional.

Quais ferramentas os professores podem utilizar para a aprendizagem do aluno autista?

A justificativa vem alicerçada que, o autismo tem sido reconhecido pela sociedade, como uma grande dificuldade ao desenvolvimento infantil. O que antes era

¹ Aluno do Curso de Educação Especial do Centro Universitário Uninter

² Professor orientador

apenas preocupação de poucos, tem passado a ser de uma sociedade inteira, pois, cada vez mais estudos demonstram que o autismo está presente em muitas crianças e se apresenta de formas diferentes, portanto é preciso habilitação na área de educação inclusiva para entender o aluno e buscar ferramentas pedagógicas que ajudem em sua aprendizagem. A criança autista demonstra certa relutância ao novo, busca sempre seguir uma rotina e não gosta de que haja mudanças em seu dia a dia. Assim, durante a aprendizagem da criança torna-se imprescindível que haja a participação dos pais mas para isso é necessário que a família esteja sempre participando das atividades escolares. Apesar das dificuldades do aluno autista não deve-se achar que isso é uma deficiência definitiva, pois, na maioria das vezes com auxílio de profissionais especializados e preparados, a criança supera limitações, e expõe seu potencial que está ali precisando ser aflorado. Entender o autismo e saber como trabalhar com o aluno na escola é um desafio para o docente, porém de suma importância para o desenvolvimento integral do aluno.

O objetivo geral é apresentar uma reflexão sobre alguns comportamentos e características que evidenciam a criança autista no convívio familiar e escolar. Em relação aos objetivos específicos foram: apontar conceitos e indicadores do autismo; analisar quais as dificuldades encontradas para desenvolvimento e socialização da criança autista; mostrar as possibilidades didáticas metodológicas para ajudar o aluno na aprendizagem escolar.

A metodologia será pautada num estudo bibliográfico qualitativo, tendo como base de dados *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* estudos datados entre 2005 a 2020, ainda livros da área de educação inclusiva. E neste sentido, busca-se aportes teóricos para conseguir responder e argumentar sobre o tema tão atual, que vem de encontro aos anseios dos docentes.

A estrutura do presente artigo em seu desenvolvimento ficou assim alinhada: o conceito sobre o autismo abre a primeira parte deste trabalho, fundamentos importantes para entender como trabalhar com o aluno autista. A segunda parte fala-se sobre a criança autista e seu desenvolvimento com o apoio da escola e família, um trabalho em conjunto visando a autonomia do aluno, terceiro ponto trabalhado foi a ludicidade como didática pedagógica que pode contribuir no desenvolvimento do potencial do aluno e finaliza-se falando sobre os processos educacionais para a inclusão do aluno autista na pandemia. A partir disso pode se relatar que a construção do presente artigo foi elaborada a partir de leituras que

evidenciam casos de autismo e tentam explicar de que forma e por que ocorrem tais sinais.

2 O CONCEITO SOBRE AUTISMO

O autismo é um transtorno que envolve todo o processo de desenvolvimento da criança que o possui, sendo um distúrbio que envolve alterações no comportamento qualitativo na interação social, no comprometimento motor e padrões restritos e repetitivos de comportamentos (ANDRADE E TEODORO *et al.*, 2012).

Os elementares sintomas do autismo surgem geralmente nos três primeiros anos de vida, já que é uma síndrome que se distingue por exibir um grupo de sintomas que submergem o dano de três áreas básicas, a conduta, a interação social e também a comunicação. Entretanto, por outro lado, podem oferecer inexplicáveis agilidades motoras, instrumentais, de memória e outras, que diversas vezes, não estão em sintonia com sua idade cronológica, exibindo-se bem mais prosseguida do que deveriam estar.

O termo autismo, refere-se a um sintoma da esquizofrenia, uma das descrições da psicose, onde Eugene Bleuler em 1911 definiu o conceito:

[...] Bleuler propõe uma “ausência da realidade”, com o mundo exterior, e, conseqüentemente, impedimento ou impossibilidade de comunicar-se com o mundo externo, demonstrando atos de um proceder muito reservado (RODRIGUES, SPENCER, 2010, p. 19).

Segundo Marcelli e Cohen (2010, 265) na criança encontra-se, uma alteração das capacidades de comunicação; uma alteração das interações sociais; um aspecto restrito repetitivo e estereotipado dos comportamentos, dos interesses, das atividades.

A modificação do desenvolvimento motor e das respostas a estímulos sensoriais, são capazes de expor hiper ou hiporreatividade aos estímulos, apresentando importância atípica por estímulos sensoriais encontradas no ambiente (PERERA *et al.*, 2014).

Os autistas apresentam grande diversidade de sintomas motores que englobam alterações no desenvolvimento motor, acinesia, bradicinesia, hipotonia e rigidez muscular (PERERA *et al.*, 2014).

O desequilíbrio postural dos indivíduos com TEA afetam sua estabilidade postural, sabendo que a manutenção do equilíbrio é um método complexo, resultando da inclusão dos sistemas proprioceptivos, vestibular e visual gerando também uma alteração na marcha (CORDEIRO *et al.*, 2020).

Movimentos globais do corpo, como andar, agarrar, arremessar, correr, engatinhar, escalar, rolar e pular, são movimentos que dependem necessariamente de equilíbrio. Nas crianças diagnosticadas com TEA, 50% apresentam atrasos ou déficits na coordenação motora grossa, dificuldades de movimento e equilíbrio (MENDONÇA *et al.*, 2020).

Em relação as habilidades motoras grossas envolvem o movimento simultaneamente, que é estruturada para a realização de movimentos mais complexos, possui dificuldade para realizar os movimentos de agachar, correr, chutar, pular, puxar, subir e descer escadas (CONSOLINE *et al.*; 2018).

As habilidades motoras finas, são as mais afetadas, prejudicando a interação social, independência e autonomia do indivíduo (COPPEDE, *et al.*; 2012).

Este problema provoca atraso para conseguir abotoar e desabotoar, digitar, escovar os dentes, escrever, encaixar objetos, recortar, entre outros (OLIVEIRA *et al.*, 2018).

O diagnóstico do TEA é clínico, realizado por meio de avaliações e observações da criança, diálogos com os pais e a aplicação de instrumentos específicos, possui como exemplo a Escala de Classificação de Autismo na Infância, Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil (GOMES *et al.*, 2015).

As crianças que apresentam TEA apresentam alterações posturais. existe a insuficiência do controle postural que gera um efeito substancial no desenvolvimento das habilidades motoras e perceptivo-sociais em indivíduos com transtorno do espectro autista acarretando uma limitação nas capacidades de manipulação e a mobilidade, possuindo um impacto significativo na qualidade de vida das crianças (DOS SANTOS *et al.*, 2018).

Os principais estereótipos motores são movimentos corporais envolvendo as mãos como bater palmas, estalar os dedos e ou do corpo todo como inclinação repentinas, oscilação do corpo, balanço e caminhar nas pontas dos pés, podendo se manifestar de forma auto ou heteroagressiva interferindo nas atividades de vida diárias (ONZE E GOMES *et al.*, 2015).

Segundo Marcelli e Cohen (2010, p.266) a “criança autista não procura entrar em contato, chamar a atenção, não retém o olhar, não imita o outro. Não há expressão de prazer, de interesse compartilhado”.

“A outra pessoa é utilizada como uma parte de si (segurar a mão do adulto) ou como um segmento isolado de seu corpo (cabelos, orifícios do rosto). O olhar parece vazio, distante, alheio” (MARCELLI E COHEN, 2010, p.267).

A intervenção precoce é a base essencial de todo o processo educativo da vida da criança com TEA e precisa ser iniciada logo na primeira infância, devido à maior neuroplasticidade, e sem o reconhecimento, a criança com TEA perde etapas fundamentais nos primeiros anos de vida atrapalhando na obtenção dos pré-requisitos para suas habilidades (LEVY *et al.*,2020).

Desse modo mostrou a fundamentação teórica que a criança autista possui diversas limitações, mas também existe um potencial, assim as práticas didáticas metodológicas que ensinam o aluno nas atividades da vida diária ou nas atividades de vida prática tendo como aporte o currículo funcional podem ajudar em sua autonomia.

Todas as intervenções pedagógicas partem do princípio de fornecer a autonomia para estes alunos, possibilitam progresso constante e a qualidade de vida, acreditando que é possível provocar situações que levem as aprendizagens, passando uma confiança e a superação das limitações.

Alerta-se que os professores nem sempre estão preparados para receber essas crianças, levanta-se então a questão de ser necessário que estes passem por processos de capacitação sobre o tema, podendo então melhor identificar os sinais apresentados pelo aluno dentro da sala de aula.

O docente precisa transmitir conhecimentos para as crianças autistas por meio de exercícios concretos, visuais e auditivos, abrangendo coordenação motora, concentração e significado, assim o estudante irá alcançar os novos conhecimentos de forma simples e prazerosa.

2.1 A AUTONOMIA DO ALUNO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA: FAMÍLIA E ESCOLA

Olhar humanizador se deve direcionar para o aluno no sentido de despertar ou trabalhar atividades para sua autonomia, chamadas de Atividades de Vida Diária - AVDs, ou ainda nas Atividades de Vida Prática – AVPs, respeitando a especificidade de cada aluno é um material rico e significativo, concreto, que venha alicerçar as habilidades da criança.

Por vezes nem a família sabe do potencial que a criança possui. A escola pelas práticas didáticas pode ajudar a fortalecer os vínculos de como trabalhar estas AVDs também em casa. Enquanto a família cada qual ativamente faz suas atividades o autista pode estar ali num mundo limitado. Assim, a independência do aluno também é um fator importante para a escola.

“Trata-se de um amplo empreendimento de ensino projetado para oferecer oportunidades para os alunos aprenderem, as habilidades que são importantes para torná-los independentes, competentes, produtivos e felizes em suas vidas”. (CERQUEIRA, 2010, p.12).

Isso significa a conquista do aluno frente aos preceitos da educação especial que tanto lutou para conseguir transformar as realidades em que vive.

Parece claro que as conquistas maiores em relação aos direitos das pessoas se deram mais no que diz respeito à elaboração de leis e normas para a concretização de ações que de fato possibilitem a real inserção pessoas na sociedade (LEONARDO, BRAY E ROSSATO, 2009, p.1)

As articulações das propostas curriculares atendem o anseio da diversidade existentes na escola, eliminando todo e qualquer tipo de exclusão e as desigualdades sociais, portanto, o trabalho de AVDs e AVPs deve ser uma realidade e convergindo para o exercício consciente da cidadania.

Portanto, é preciso um professor para acompanhar o aluno e resgatar a autonomia, porque não se está apenas falando-se do aluno, mas do cidadão que possui o direito e ir e vir.

Neste sentido, a proposta da escola quando se trabalha estes dois componentes AVDs e AVPs é de mudança, resgate dos valores humanos, de uniformidade, compartilhando valores, ações, mostrando a face de uma educação igualitária.

Segundo Vieira (2011, p.4) a “funcionalidade pode levar a graus relativos de autonomia, ou seja, é uma das formas de contribuir com a independência desses alunos em relação às atividades cotidianas, às quais habitualmente precisam de auxílio de terceiros”.

Os conteúdos pautados nas atividades cotidianas vieram para tornar o ambiente do aluno com TEA mais interativo, mais prático, e a escola poderá integrar diversas áreas e trabalhar inclusive lazer, cultura, música, esporte. Percebe-se como é abrangente trabalhar o currículo funcional pautado nas AVDs e AVPs.

Porém, faz um alerta Lopes e Marquezine (2012) que maioria das instituições de ensino parece não estar preparada nem estruturada para incluir os alunos com deficiência e dar atendimento adequado a essa nova demanda. Parecem faltar, nos órgãos responsáveis pela educação, ações que transformem em realidade o caráter inclusivo da educação, presente nos textos oficiais.

“O autismo é uma condição crônica, caracterizado pela presença de importantes prejuízos em áreas do desenvolvimento, por essa razão o tratamento deve ser contínuo e envolver uma equipe multidisciplinar” (SCHWARTZMAN, 2003).

Segundo Bosa (2006) a eficácia de um tratamento depende da experiência e do conhecimento dos profissionais sobre o autismo e, principalmente, de sua habilidade de trabalhar em equipe e com a família.

Quando se trabalha integrado com família, escola e sociedade os fatores tendem a ser ensinados para que sejam funcionais, efetivo e ajudem nas práticas, motivando os alunos cada vez mais, assimilando as aprendizagens, exercitando sua linguagem e facilitando o convívio mostrando uma outra realidade.

Na linguagem e, portanto, na comunicação, que se concentra uma das dificuldades para as pessoas com autismo, uma vez que poucas desenvolvem habilidades para a conversação, embora muitas desenvolvam habilidades verbais e grande parte consiga desenvolver somente habilidades não verbais de comunicação (ORRÚ, 2012, p.185).

Também é possível fazer um projeto que ensine os afazeres do cotidiano como, arrumar a cama, colocar a mesa para o lanche ou ainda ensinar como amarrar um cadarço do tênis, colocar um vestuário e ir exercitando seu cognitivo pela prática. Todos estes exemplos, podem ser aliados do processo interdisciplinar inclusivo e trazer ao professor opções diversificadas para despertar as aprendizagens dos alunos.

Enfatiza-se que ainda a importância da habilitação do docente que vai trabalhar com o aluno, a capacitação se torna fundamental para elaborar suas práticas e realizar os planejamentos necessários para incluir o aluno, bem como desenvolver os processos metodológicos que convergem para o currículo funcional.

A escola é para o aluno, uma oportunidade significativa e talvez a única em sua vida, haja vista, que ali existe alguém preparado e capacitado para trabalhar didaticamente e integralmente, fazendo renascer as possibilidades até então pela família julgadas ser impossível.

Tal impossibilidade advindas do seio familiar, não é falta de vontade dos mesmos, mas a ausência de uma capacitação e de conhecimento do problema que assola o filho, haja vista que o autismo como já citado anteriormente as reações do aluno são diversas. Porém, a escola é ambiente onde existe diversas opiniões, é preciso então aproveitar a sinergia dos docentes e viabilizar a participação de todos, que falem, explorem, ajudem no processo inclusivo transformador.

2.2 DESCOBRINDO POTENCIALIDADES DO ALUNO PELA LUDICIDADE

Uma das opções que o professor poderá utilizar é a ludicidade. Na inclusão, o trabalhar ludicamente e oferecer um processo com farto combustível e de fácil acesso, que faça o aluno socializar-se, vencendo as barreiras que se apresentam a cada prática oferecida e perpassando as diversidades existentes.

Contribui Rau (2012, p.85) sobre o lúdico “são conteúdos férteis para a análise das necessidades afetivas das crianças, pois ao representar papéis ela dispõe de elementos que, se não explicam, pelo menos deixam transparentes determinados comportamentos e atitudes”.

O processo pedagógico lúdico, na inclusão, oferece condições de aprendizagem contribuindo para o desenvolvimento dos alunos com autismo. Dentre os processos lúdicos existem muitas ferramentas, como os jogos educativos, a literatura infantil onde os contos têm conquistado muitos adeptos.

Assim, no contexto escolar, deve-se garantir um espaço para inserir estas ferramentas educativas que leve o aluno autista à interação, socialização, e o professor a vencer os desafios principalmente nestes tempos de COVID-19, onde por muito tempo o isolamento foi necessário.

As marcas indelévels do lúdico ficam na vida da criança. É por isso que trazer os contos, jogos, as brincadeiras, como ferramenta para a aprendizagem constituiu um momento de muita dedicação e desafios.

Segundo de Rau (2012) a concepção do lúdico como um recurso pedagógico direcionado e à aprendizagem das diferentes áreas do conhecimento destaca-se como expressão entre as questões da prática pedagógica de professores, por estar ligada às questões do conhecimento e da aprendizagem.

Trabalhar a aprendizagem do aluno com TEA é um processo que requer habilidade, paciência, amor, criatividade e responsabilidade do docente. Mas, galgar frutos no ensino é muito mais que dedicação, é preciso ter ferramentas didáticas metodológicas condizentes que ajudem nesta prática, é derrubar barreiras que impedem sua aprendizagem.

Estes pressupostos são embasados em Santiago e Santos (2015, p.1) “o atendimento educacional tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos estudantes, considerando suas necessidades específicas”.

A base legal busca promover a inclusão no meio educacional, a base didática lúdica possibilita um maior desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, onde a imaginação e suas potencialidades individuais formam um indivíduo socialmente ativo e participativo na sociedade.

Segundo Arnheim (2010, p. 40) “a imaginação é a poderosa ferramenta que ao sustentar o sentir, sustenta o raciocínio e, por ambos, cria o sonho. Além de permitir a construção de um imaginário social, constituído em sua cultura e tempo histórico”.

Cada trabalho lúdico realizado pelo professor nos conteúdos ajudará o aluno a desenvolver seja na escola, ou na sociedade, suas habilidades, sua coordenação motora, sociabilidade, autonomia e os aspectos cognitivos.

As crianças de uma maneira geral são ávidas e movimentam-se, experimentando e explorando novas formas no desejo ou dominar habilidades, assim, ao testar possibilidades didáticas metodológicas na inclusão é exibir potencialidades em relação a aprendizagem do aluno estar-se-á valorizando suas potencialidades.

Segundo Oliveira e Cardoso (2011, p. 8), “quando planejamos recursos pedagógicos podemos eliminar ou diminuir as barreiras, temporárias ou permanentes, que impedem o desenvolvimento social, afetivo e mental do aluno com deficiência, e facilitar o acesso a todas as atividades curriculares”.

As atividades no processo de aprendizagem do aluno com deficiência deverão ao retornar as aulas presenciais, esquecer as técnicas repetitivas que causam desinteresse e apatia e não contribuem na aprendizagem, para as infindáveis experiências que o universo lúdico pode oferecer.

Enfatizam Luz, Diniz e Lafontaine (2016, p.2) “muitos das crianças são prejudicadas pela falta de estímulos adequados as suas condições sócias afetivas, linguísticas, cognitivas, o que os leva a ter perdas consideráveis em seu aprendizado”.

A citação dos autores reflete uma realidade vivida por alguns alunos, sem uma comunicação adequada acontece inúmeros problemas como: isolamento social, angústia, tristeza, depressão, desencadeando outros problemas consequentes da não participação desta escola que se diz inclusiva.

De acordo com Montoam (2003, p.18) esclarece que “a inclusão total e irrestrita é uma oportunidade que temos para reverter a situação da maioria de nossas escolas, as quais atribuem aos alunos as deficiências que são do próprio ensino ministrado por elas”.

Reforça-se, é preciso que os docentes repensem o conteúdo e a sua prática pedagógica com seu aluno autista, substituindo os medos, a passividade, pela alegria, pelo entusiasmo de ensinar, pela maneira de ver, pensar, compreender e reconstruir o conhecimento com o aluno, pois este muitas vezes não irá demonstra comportamento nenhum.

Ausência do comportamento que representa dor, perigo e medo nas crianças autistas é despercebida. O desenvolvimento emocional é confuso, surgem sorrisos inesperados. Parecem ter uma capacidade restrita para exprimir afetos e entender emoções (RODRIGUES, SPENCER, 2010, p. 22).

As ferramentas metodológicas, como o lúdico, são um aporte que o professor pode utilizar-se e trabalhar uma proposta significativa que coadunada com o resgate de muitas brincadeiras.

2.1 PROCESSOS EDUCACIONAIS PARA A INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA NA PANDEMIA

O aluno autista em sua escolarização ganhou direito pelo Estatuto da Criança e adolescente – ECA, fortaleceu a decisão de uma política inclusiva assegurando e

mostrando novos parâmetros educacionais importantes a Lei Brasileira de Inclusão ou Estatuto da Pessoa com deficiência, desse modo os processos educacionais foram sendo construídos com alicerces sólidos. Pois, segundo Camargo et al (2020) no Brasil, embora não existam estudos específicos sobre a incidência do autismo, estima-se que cerca de dois milhões de brasileiros possuem o transtorno.

O aluno com Transtorno do Espectro Autista –TEA, possui um comportamento variável e muitas vezes ausências destes, assim, as metodologias devem ser implementadas no sentido de que desperte a atenção e a realização das atividades propostas.

De acordo com Rodrigues e Spencer (2010, p.22) que fala sobre os comportamentos que envolvem o aluno autista “o desenvolvimento emocional é confuso, surgem sorrisos inesperados. Parecem ter uma capacidade restrita para exprimir afetos e entender emoções.

O trabalho com o aluno autista na pandemia exigiu da docente paciência, dedicação, mas é preciso falar um pouco deste processo escolar e pandemia, pois a escola procurava adaptar-se balizada pelas exigências que a lei imputava, as instituições caminham passos brandos, mas que estavam dentro de suas condições, até que em 2020 uma pandemia assola a todos e as aulas presenciais são canceladas.

O professor precisou reinventar seus métodos, as estratégias que se tinha foram adaptadas para que o aluno conseguisse acompanhar os conteúdos em casa. A tecnologia veio como aliada, no início tudo era novo, mas, aos poucos se percebeu que era preciso continuar, pois os casos de COVID-19 que desencadeou a pandemia aumentava consideravelmente, e as aulas tinham que continuar de forma digital.

De acordo com Barberini (2016, p.1) “as iniciativas do professor na alfabetização devem começar por uma linguagem simples e clara, a utilização de recursos como computadores, músicas e livros, observando o interesse da criança autista”.

O docente assim o fez, criou meios para que seu aluno autista conseguisse acompanhar as aulas, e as habilidades docente mostrou uma nova realidade educacional inclusiva, atendendo todos os tipos de diagnósticos, fazendo a escolarização do aluno e construindo autonomias, dentre eles, do aluno autista.

Os alunos que não possuíam internet ou computador para acessar as atividades, os pais foram acionados para buscavam na escola trabalhos impressos para levar ao filho, visando a continuação do processo de alfabetização.

Findado 2020 e todos os seus obstáculos, 2021 despertava com o registro de casos de COVID19, inclusive ceifando mais vidas, decretos começaram a flexibilizar as atividades para que aos poucos a normalidade social, de trabalho e educacional fosse retomada. Um plano de contingência foi elaborado pelos profissionais da educação denominado de Plano de Contingência Estadual para Educação (Plancon Edu Estadual) era uma ação integrada para a retomada das aulas presenciais.

As orientações do Pancon (2021, p.9) enfatizavam que “ficará restrita à apresentação de recursos didáticos digitais, das metodologias ativas que poderão ser desenvolvidas em plataformas digitais, bem como, seus objetivos e funcionalidades” (SANTA CATARINA, 2021).

Expressa enfaticamente o plano as metodologias ativas, onde o professor será o mediador das aprendizagens, apregoa a rotinas das escolas, distanciamentos, estratégias, gestão de pessoas e a capacitação para trabalhar com os alunos. Adotando os cuidados enfatizados pelos decretos governamentais e seguindo as orientações do plano, o professor retorna a escola, sendo uma semana de aulas presencial e uma semana aulas remotas.

Neste trabalho a tecnologia foi essencial e a habilidade do professor o elo para transformar as realidades mostrando um processo didático diferente, a escola com protocolos rígidos, como o uso de máscaras, álcool gel, poucos alunos na sala. Aulas on-line a mediação do professor e sua habilidade e desafios de fazer das aulas momentos prazerosos para se fazer a uma educação transformadora.

E neste segundo semestre de 2021 as aulas retornadas da forma presencial para todos os alunos, mostrou o quão significativo fazer uma inclusão mais transformadora, sem esquecer os processos didáticos dos alunos com deficiência e dentre estes os alunos com TEA que foram atendidos conforme suas necessidades.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho foi uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfico sobre o aluno autista e sua inserção escolar.

De acordo com Gil (2008); “uma pesquisa é considerada exploratória quando visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses”.

Neste sentido se utilizou das orientações para a elaboração deste trabalho que abrange uma temática que ido foco de muitas discussões. As orientações se encontraram nas aulas, nos livros, orientações, aulas e demais materiais disponíveis na biblioteca virtual.

Conforme Marconi e Lakatos (2006, p.258) “a pesquisa bibliográfica dará sustentação ao desenvolvimento da pesquisa, ao colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto.”

Ainda foram utilizados livros e artigos disponíveis na internet, perfazendo a estrutura dos assuntos pesquisados. Como método investigativo se utilizou o exploratório, assim depois da investigação dos autores e entendimento das abordagens, descreve-se e confronta-se com demais autores.

Sobre o método Trivinos (2006, p.12) diz, que é um “processo capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como essas últimas tomadas, tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas”.

Para tanto, buscou-se dados *ScientificElectronic Library Online* (SciELO) artigos datados entre 2005 a 2020 que abordassem o tema e contribuíssem para a pesquisa e estruturando os argumentos e buscando no referencial teórico autores como e estudiosos, culminando em significativas contribuições para este estudo.

Os livros da UTA trouxeram grande aportes e foram utilizados respaldando as inquietações e argumentações levantadas. Todos os materiais estão devidamente listados nas referências conforme direciona o manual do curso de graduação da UNINTER.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança autista possui limitações, mas também carrega consigo um potencial incomensurável. Por muito tempo a educação inclusiva vem galgando novos e

importantes resultados seja na aprendizagem, na inserção do aluno na sociedade, expressando que o respeito e equidade são duas variáveis importantes para acontecer uma educação de qualidade.

Nem sempre obteve-se resultados de aprendizagens, haja vista que toda criança possui um histórico familiar, social. Existe sim, uma triste realidade que foi inserida nos padrões epistemológicos da história educacional inclusiva, onde desafios foram impostos e batalhas construídas ao longo do tempo de valorização as diversidades. Pela força de lei as bandeiras da inclusão foram seladas, começou a clarear e abrir as brumas para a inclusão verdadeira. Professor habilitado, processos didáticos funcionais, equipamentos adaptados, salas de AEE passou-se a oferecer uma nova conjuntura da educação inclusiva e fazer do aluno um cidadão crítico e reflexivo.

Um momento especial, único, vivido pelas instituições, balizados pela capacidade do professor em mudar os nortes de uma educação que visasse a eficácia ações didáticas metodológicas para trabalhar com o aluno autista.

Em resposta a problemática deste trabalho, pode-se citar atividades da vida diária, projetos interdisciplinares, ludicidade, jogos, todos os conteúdos possíveis para mostrar que as dificuldades do aluno autista podem ser superadas, tornando-o mais autônomo.

Um exemplo disso é quando o professor trabalha como conteúdo a parte gastronômica, que ensina-o fazer um sanduiche, uma sala de fruta, um suco, bastou os conteúdos simples, para dar um pouco de autonomia.

Mas se pode afirmar que é um processo de experiências imensuráveis, de satisfação pessoal, profissional e social, pois, o aluno autista ensina que não se pode desistir, que as dificuldades são apenas detalhes e as habilidades por menores que sejam representam a conquista de algo legítimo e único.

Espera-se que os conteúdos aqui explicitados não se percam nas curvas do esquecimento, mas que abra, novas e esperançosas reflexões sobre o processo inclusivo deste aluno, perante a sociedade e também a comunidade escolar, que cada um articule suas ações e juntos formem-se uma rede, visando defender melhores e mais recursos para se trabalhar com o aluno autista.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Aline A. TEODORO, Maycoln L. M. **Família e Autismo: Uma Revisão Literatura**. Contextos Clínicos, vol. 5, n. 2, julho-dezembro 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v5n2/v5n2a08.pdf>

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**. 4^l. ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

BARBERINI, Karize Younes. A escolarização do autista no ensino regular e as práticas pedagógicas. **Caderno Pós-Graduação Distúrbio Desenvolvimento**. São Paulo, volume. 16, número. 1, p. 46-55, jun. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072016000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 1 agosto 2021

BOSA, Cleonice Alves. **Autismo: intervenções psicoeducacionais**. Brazilian Journal of Psychiatry [online]. 2006, v. 28, suppl 1 [Acessado 1 setembro 2021] , pp. s47-s53. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000500007>>. Epub 12 Jun 2006. ISSN 1809-452X. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000500007>

CERQUERIA, Maria T. **Currículo funcional na educação especial para o desenvolvimento do aluno com deficiência intelectual de 12 a 18 anos**. 2010. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1068-4.pdf>. Acesso 23 agosto 2021.

CONSOLINE, Nayara de Almeida. **Intervenção fisioterapêutica para a melhora da coordenação motora fina em pacientes com autismo**. Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, Ariquemes/RO, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.faema.edu.br:8000/handle/123456789/2357>>. Acesso em: 2 de agosto de 2021.

COPPEDE, Aline Cirelli. **Motricidade Fina na Criança: um estudo bibliométrico da literatura nacional e internacional**. Universidade Federal de São Carlos, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/6862/4306.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 23 de abril de 2021.

CORDEIRO, Erika S. G. AZONI, Cintia A. S. DA SILVA, Eliza M.T. FERNANDES, Fernando H. GAZZOLA, Juliana M. **Análise bibliométrica da literatura sobre equilíbrio postural em crianças com Transtorno do Espectro Autista**. São Paulo, 2020.

DOS SANTOS, Evelyn Crys Farias. Melo, Taina Ribas. **Caracterização psicomotora de crianças autista pela escala de desenvolvimento motor**. Paraná, 2018

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Paulyane T. M.; LIMA, Leonardo H. L.; BUENO, Mayza K.G.; ARAÚJO, Liubiana A.; SOUZA, Nathan M.. **Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática**. Jornal de Pediatria, v. 91, n. 2, 2015. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/jped/v91n2/pt_0021-7557-jped-91-02-00111.pdf>. Acesso em: 11 julho de 2021.

LEONARDO, Nilza Sanches Tessaro; BRAY, Cristiane Toller and ROSSATO, Solange Pereira Marques. Inclusão escolar: um estudo acerca da implantação da proposta em escolas de ensino básico. **Rev. bras. educ. espec.** [online]. 2009, vol.15, n.2, pp.289-306. ISSN 1413-6538. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382009000200008>. Acesso em: 11 julho de 2021.

LEVY SE, Wolfe A, Coury D, et al. **Screening Tools for Autism Spectrum Disorder in Primary Care: A Systematic Evidence Review.** Pediatrics. 2020

LOPES, Esther and MARQUEZINE, Maria Cristina. Sala de recursos no processo de inclusão do aluno com deficiência intelectual na percepção dos professores. *Rev. bras. educ. espec.* [online]. 2012, vol.18, n.3, pp.487-506. ISSN 1413-6538. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382012000300009>. Acesso em 23 julho 2021.

LUZ, Lília Ferreira, DINIZ, Joselina, LAFONTAINE, Teresa. **Atendimento educacional especializado para alunos surdos: uma análise sobre a formação do profissional da sala de recursos.** 2016. Disponível em https://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/TRABALHO_EV057_MD1_SA6_ID3531_30092016214253.pdf. Acesso 19 jun 2021.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A educação especial no Brasil: da exclusão à inclusão escolar.** Disponível em: <http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/nt/ta1.3.htm>. Acesso em: 04 julho 2021.

MARCELLI, Daniel; COHEN, David. **Infância e Psicopatologia.** 8ª ed. Porto Alegre: Artemed, 2010.

MARCONI, M.A; LAKATOS, E.M. **Metodologia científica.** São Paulo : Atlas, 2006.

MENDONÇA, F., VOOS, M., GARCIA, T., JORGE, W., **As principais alterações sensório-motoras e a abordagem fisioterapêutica no Transtorno do Espectro Autista.** São Paulo, 2020.

OLIVEIRA, José D.P. GUEDES, Ana Luisa L.A. LINS, Micael da Silva. DALTRO, Manuela, C.S. **Intervenção fisioterapêutica no transtorno espectro autista.** *Fisioterapia Brasil* 2018;19(5Supl):S266-S271. Acesso em: 13 julho 2021

OLIVEIRA, Fátima Inês Wolf, CARDOSO, Luciana Santana. **Recursos didáticos adaptados para alunos com surdez: sugestões compartilhadas por uma bolsista PIBID.** VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial Londrina 10 novembro de 2011 Disponível em http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2011/novas_tecnologias/283-2011.pdf. Acesso 13 agosto 2021.

ONZI, Franciele Zanella. Gomes, Roberta de Figueiredo. **Transtorno do espectro autista: a importância do diagnóstico e reabilitação**. Rio grande do Sul, 2015.

ORRÚ, Silva Ester. “**Trajetórias, avanços e desafios na concepção e educação de educandos com autismo**”. In: ORRU, Silva (org.). *Estudantes com necessidades especiais: singulares e desafios na prática pedagógica inclusiva*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

PERERA, Amanda; DA CRUZ, Ana C. Bittencourt; BONATTOC, Caroline L; RECHD, Franciele Zandoná; SIMONAGGIOE, Luana Schizzi; GIACOMETF, Daiane; SCHUSTERG, Rodrigo. **Análise do padrão de marcha do espectro autista**. Anais - III Congresso de Pesquisa e Extensãoda Faculdade da Serra Gaúcha, V. 3, N. 3, 2014. Disponível em: <<http://ojs.fsg.br/index.php/pesquisaextensao/article/view/360-369>>. Acesso em: 25 de agosto 2021

RAU, Marcos. C. **A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica**. Curitiba :Ibepex, 2012.

RIBEIRO, S. ABA: uma intervenção comportamental eficaz em casos de autismo
Texto extraído da **Revista Autismo** - Número 0 - Ano 1 - Setembro de 2010.

RODRIGUES, Janine Marta C.; SPENCER, Eric. **A criança autista: um estudo psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

SANTA CATARINA. Tutorial de metodologias ativas para os contextos extremos. Comitê técnico científico. 2020 Disponível em https://drive.google.com/file/d/1Rr6HeQWuclfm_Ym2WirCKXBIOqtPU5oL/view. Acesso 02 julho de 2021

SANTIAGO, Mylene Cristina; SANTOS, Mônica Pereira dos. Planejamento de Estratégias para o Processo de Inclusão: desafios em questão. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 485-502, June 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362015000200485&lng=en&nrm=iso>. Acesso 02 julho de 2021.

SCHWARTZAN, José S. **Síndrome de Down**. São Paulo: Mackenzie, 2003.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: São Paulo, Atlas, 2008